

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.762

Sexta-feira, 22 de Agosto de 1924

PREÇO—30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipographia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º e Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de Impressão—Rua da Atalaya, 11 e 13

O povo de Lisboa deve  
insurgir-se contra o es-  
pectáculo que hipòcrita-  
mente se pretende dar  
em nome da caridade

## CONTRA OS TOUROS DE MORTE

A União dos Sindicatos Operários chama a atenção de várias colectividades pedagógicas e de beneficência para esta momentosa questão a fim de se opor resistência ao bárbaro espectáculo

Há um certo numero de pes-  
soas apegadas às tradições, e so-  
bretudo ao que de pernicioso as  
tradições contêm, que defende  
com calor, apresentando para re-  
forço da sua opinião os argumen-  
tos mais extravagantes, a ressur-  
reição do bárbaro espectáculo dos  
touros de morte.

Há muito tempo que em Por-  
tugal não se matavam touros pú-  
blicamente e nunca tivemos noti-  
cia de que esse facto causasse  
impaciência ou revolta sona a  
meia dúzia de cavalheiros que por  
sobrismo ou desequilíbrio senti-  
mental desejam à viva força ver  
correr sangue.

Várias têm sido as tentativas  
feitas pelos «aficionados» no sen-  
tido de se permitirem esses repu-  
gnantes espectáculos. Cavilosa-

mente alguns jornais se têm pre-  
stado a defender a existência de  
touros de morte. Tem-se preten-  
dido criar um ambiente favorá-  
vel a esse crime. Porém, da parte  
da grande massa do povo, essas  
chamadas à barbarie não têm  
obtido resposta. O povo é contra  
os touros de morte, como é con-  
tra a pena capital e contra todos  
os actos que representem uma  
violação da natureza e dos prin-  
cípios da bondade que o homem  
que se presa de ser homem deve  
observar.

Falharam todas as tentativas.  
A elles oppunha o povo o seu sen-  
timento, a sua espontânea  
generosidade.

Agora há quem queira especu-  
lar com a generosidade do povo,

para em nome dessa generosida-  
de se praticar impunemente, en-  
tre música e foguetes, a morte de  
seus touros.

A pretexto de que as Miseri-  
córdias necessitam de dinheiro,  
quer-se dar o espectáculo san-  
guentoso com todos os requintes de  
crueldade que vai até ao assassi-  
nato perante mulheres e crianças,  
perante um povo que tem neces-  
sidade duma educação plena de  
generosidade e elevação.

Um José de Vasconcelos qual-  
quer meteu-se ontem a defender  
os touros de morte e a atacar a  
Associação de Professores de  
Portugal. E como grande argu-  
mento a favor do seu sanguinário  
intento a firmou que os profes-  
sores—vejam o crime!—liam bro-

churas bolchevistas aos alunos.  
O sr. Vasconcelos, decerto pes-  
soa pouco culta, ignora que as  
doutrinas avançadas pregam to-  
das elas o maior respeito não só  
pela vida humana, como pela vida  
dos proprios animais. O sr. Vas-  
concelos (José) que não sabemos  
quem é, deve ser, pelo *Diário de*  
*Lisboa* que deu guarida a sua pro-  
sa, considerado um talentoso fi-  
lósofo e um admirável escritor.

Que nos importa, porém, a exis-  
tência d'um Vasconcelos qual-  
quer se horroriza ante os jornais  
anarquistas o aplaude a ideia dos  
touros de morte? Nós os que pre-  
tendemos uma sociedade mais per-  
feita, uma humanidade mais si-  
nha, não podemos deter ante as  
paixões destes Vasconcelos. To-  
mos os que por qualquer forma

desejam o aperfeiçoamento huma-  
no, desde a Sociedade Protectora  
dos Animais, à própria Organiza-  
ção Operária, devem com a sua  
oposição forte e justa impedir que  
se voltem a cometer publicamente  
crimes repugnantes que habitam  
o povo a perder o respeito pela  
vida seja de quem for.

A União dos Sindicatos Operá-  
rios de Lisboa lançou já o seu  
alarme e espera que toda a popu-  
lação a apoiará na acção que vai  
desenvolver no sentido de impe-  
dir a resurreição do bárbaro es-  
pectáculo. Aquele organismo ope-  
rário enviou uma circular referen-  
te ao assunto às colectividades que  
seguem:

Academia dos Estudos Livres;  
A Voz do Operário, Conselho Na-  
cional das Mulheres Portuguesas;

Grupo «Seara Nova», Liga Pro-  
moral, União do Professorado  
Primário, Universidade Livre,  
Universidade Popular, Sociedade  
de Estudos Pedagógicos, Socie-  
dade Promotora das Escolas e So-  
ciedade Protectora dos Animais.

Eis a circular:

Lisboa, 21 de Agosto de 1924.

Ex.ª srs.: A União dos Sindicatos  
Operários, representante do povo ope-  
rário organizado de Lisboa, vem, pe-  
rante essa colectividade, chamar a vossa  
atenção para um assunto grave.

O sr. governador civil, a pretexto de  
angariar receita para beneficiar as vá-  
rias instituições chamadas de Assistên-  
cia Pública, pretende organizar um es-  
pectáculo taurino em que serão lidados  
tous de morte.

Este organismo contra todos os  
espectáculos que, em lugar de instruir  
e educar em especial o povo, promo-

vam ainda mais a obliteração dos seus  
sentimentos, e, assim, desejaria que eles  
não se efectivassem e muito especial-  
mente as tauradas sejam de que natu-  
reza forem.

Estes espectáculos, ou seja pela mor-  
talização de costumes ou seja pela ne-  
nhuma atracção que contêm, têm de-  
caído, pelo que depreendemos que o  
pretexto invocado não passa de um ex-  
pediente, porquanto realizada a pri-  
meira taurada com touros de morte  
outras lhe sucederão. Deverão as insti-  
tuições que pretendem moralizar os  
costumes e instruir o povo nas bases  
mais sãs e humanitárias consentir, com  
o seu silêncio, que tal facto se consuma?  
Entendemos que tal não deverá acon-  
tecer, e, assim, este organismo, ao levan-  
tar a sua voz de protesto, toma a liber-  
dade de vos convidar a uma reunião  
que se efectuará na sua sede no dia 23  
do corrente, pelas 21 horas, para, em  
conjuncto, se resolver a melhor forma  
de impedir que as pretendidas tauras  
com touros de morte se realizem.

A União dos Sindicatos Operários.

## O SUBSIDIO AOS PARLAMENTARES

O aumento do subsidio aos pa-  
rlamentares significa que os ilus-  
tres representantes do povo reco-  
nhecem que a vida tem encareci-  
do. Mas se assim é, ou o parla-  
mento não serve para nada e é  
essa a opinião de muita gente ou  
são estes parlamentares que não  
têm tido competência, visto que  
não resolveram, como bons legis-  
ladores, o problema da crise eco-  
nómica. No primeiro caso fecha-se  
definitivamente o parlamento; no  
segundo caso não só não se au-  
mentam os vencimentos como até  
não se pague a tão mais servi-  
dores das interesses do país.

Se acaso é de medidas legisla-  
tivas que há de depender a me-  
lhoria da situação económica, o  
aumento do subsidio aos parla-  
mentares é um dos maiores absurdos.  
Então os legisladores, se podem  
baratear a vida, precisam de re-  
solver o seu problema económico  
particular como qualquer operá-  
rio, procurando fazer aumentar os  
seus proventos? Não seria mais  
lógico fazê-los experimentar as di-  
ficuldades da vida, para entende-  
rem bem a situação aflicta que  
está atravessando tanta gente?

E' bem verdade que a resistên-  
cia moral dessa gente não é muito  
grande e poucos seriam os que se  
decidiram a cooperar em medidas  
de defesa contra a Moagem, a Fi-  
nança, o Comércio; a maior parte  
preferiria cair-lhes nos braços.  
Pois não vimos nós em plena Ca-  
mara dos Deputados um illustre  
parlamentar defender o aumento  
do subsidio, com o argumento de  
que era assim que aoe parlamenta-  
res se tornava desnecessário  
mudar lugares aos ministros e  
miserem-se nos negócios das em-  
presas poderosas?

A verdade é esta: os pa-  
rlamentares o que tratam é de si e  
não querem saber do desgraças.  
Os outros que se governem.

Que lhes importa, por exemplo,  
o pão de segunda seja intra-  
gável, se eles podem comer pão  
de primeira? Que é que os pode  
ralar o encarecimento do arroz,  
das batatas, da carne, do peixe,  
se eles conseguem sempre ter o  
dinheiro bastante para pagar tudo  
isso?

Eles no fundo têm razão. O pro-  
blema económico tem de ser resol-  
vido mas é por nós. Essa solução  
implica mesmo o desaparecimento  
de todos os parasitas, sendo na  
designação abrangida toda a no-  
civa bicharia de São Bento.

Nem, ao menos, eles tentam sal-  
var as aparências, discutindo os  
assuntos como se acreditassem na  
possibilidade de darem remédio  
aos males do que tanta gente se  
queixa. Pelo contrário, dão-nos a  
prova de que nada são capazes  
de fazer nem a isso estão dispo-  
stos visto que fazem consistir a  
melhoria da sua situação num au-  
mento do subsidio.

No entanto são os mesmos que  
diziam aos funcionários públicos  
que suspendessem as suas reclama-  
ções, pois a vida iria baratear!  
São eles os mesmos que censuram  
os operários por fazerem greves  
para aumento de salário, acusan-  
do-os de assim contribuírem para  
a carestia da vida, que, sem isso,  
iria dentro de pouco tempo tor-  
nar-se muito suportável. Enquanto  
nos dáem isto vão dando o exem-  
plo do seu procedimento, que é  
perfeitamente o inverso do que  
pregam.

E' por isto, principalmente por  
isto, que o aumento do subsidio  
se torna revoltantemente anti-pá-  
trio. Esse subsidio que é arran-  
cado à bolsa dos contribuintes,  
que somos nós todos, só serve  
para que esses cavalheiros não  
sintam as agruras da terrível si-  
tuação económica em que nos de-  
batemos e portanto possam desin-  
teressar-se dela.

## NO SUL E SUESTE Um concurso tecnicamente prejudicial

Em vez das resoluções duma Comissão Administrativa, o critério dum antigo revolu-  
cionário de 19 de Outubro. Para a construção das novas oficinas, no segundo concurso  
foram apresentadas propostas de três casas inglesas e uma alemã

A Comissão Administrativa que  
tomou conta dos Caminhos de  
Ferro do Estado após o movi-  
mento de 19 de Outubro, teve  
como seu principal inspirador o  
antigo chefe de secção do Serviço  
de Tracção do Sul e Sueste, o  
sr. Rosa Mateus, guindado por  
efeito desse movimento ao alto  
cargo de vogal da referida comi-  
são com o sr. Artur Mendes, en-  
tonces director dos Caminhos de  
Ferro do Minho e Douro, e  
que o mesmo movimento expulsou  
daquelle cargo, e com o falecido  
general Justino Teixeira, que para  
ali foi nomeado como figura de  
ornamento, a que foi atribuída a  
qualidade de presidente, servindo  
um e outro ao sr. Rosa Mateus  
de escudo para, como membro da  
Comissão Administrativa dos Ca-  
minhos de Ferro do Estado, ini-  
ciar a sua acção ditatorial, fazendo  
e desfazendo, como quiz e enten-  
deu.

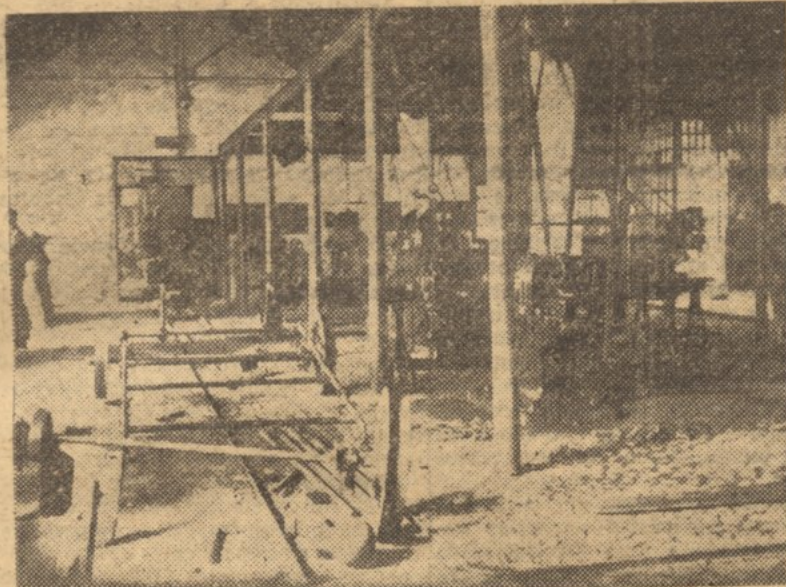
Pois foi esta comissão, ou tal-  
vez melhor, o sr. Rosa Mateus,  
quem anulou todas as negocia-  
ções já encetadas com a casa  
Armstrong, apesar dessas nego-  
ciações terem sido aprovadas em  
Conselho de Ministros de 21 de  
Julho de 1921.

Da anulação dessas negociações  
resultaram prejuizos e desvantaj-  
agens que vamos enumerar, para se  
ver até onde foi a acção dessa  
Comissão num assunto da mais  
transcendente importância e que  
alinal passou a ser resolvido pelo  
critério tecnicamente incompetente  
dum só homem, que a si tudo  
conseguiu subordinar, levando  
pelas suas informações e pela sua

influência os proprios Conselhos  
de Ministros a curvarem-se a re-  
soluções que ao Estado acarreta-  
ram consideráveis prejuizos, si-  
tução esta que foi criada por os  
ministros, em matéria ferroviária,  
serem uns ignorantes e por con-

tudo, ora subordinado à vontade  
do desejo do ditador Rosa Ma-  
teus.

Não houve consideração por co-  
missões técnicas, não se respeita-  
ram interesses, não se atenderam  
nenhum elemento dos tantos que



Officinas metalúrgicas

seqüência não poderem, com ri-  
goroso conhecimento da especia-  
lidade, opor qualquer obstáculo  
às propostas e informações do  
sr. Rosa Mateus.

Bastava que um assunto posto,  
por mais importante que fosse,  
tivesse a sanção Rosa Mateus e  
tudo se movia, tudo se curvava,  
desde os dois restantes membros  
da comissão administrativa até ao  
ministro. Informações técnicas,  
argumentos financeiros, cálculos  
económicos, tudo, absolutamente

na questão ferroviária surgem e a  
que ninguém se pode esquivar;  
apenas foi atendida e considerada  
a opinião do sr. Rosa Mateus. O  
que isso custou ao Estado, nesta  
importantíssima questão da cons-  
trução das novas oficinas, vamos  
dizê-lo.

A primeira ordem dada pela no-  
va Comissão Administrativa foi  
mandar organizar um novo con-  
curso. Aberto em 12 de Maio de  
1922 foi encerrado em 30 de Ju-  
lho de mesmo ano.

Na abertura deste concurso sur-  
tiram imediatamente os erros de  
ordem administrativa, estabelecen-  
do o início duma série de preju-  
zos que se iriam acumulando. Um  
dos primeiros foi logo o de se de-  
ixar completa liberdade aos con-  
correntes nas suas propostas, não  
as subordinando ao projecto elabo-  
rado pela Administração Geral  
como seria elementar. Assim, os  
concorrentes ficaram com a liber-  
dade de projectarem as novas ofi-  
cinas como quizessem e entende-  
sem, não sendo obrigados a aten-  
derem às indicações técnicas do  
serviço competente.

Nem sequer o sistema de cons-  
trução foi indicado no caderno de  
encargos.

Como seria óbvio, deveria ter  
sido aberto um concurso para a  
construção das oficinas e outro  
para fornecimento de máquinas-  
ferramentas. Pois não sucedeu as-  
sim; no mesmo concurso in-  
cluiu-se os dois fornecimentos,  
apesar de se tratar de especiali-  
dades diferentes. Mas o que mais  
assombra é não se ter feito no  
caderno de encargos a mais leve  
referência à designação das má-  
quinas-ferramentas a adquirir, nem  
do programa do concurso tal de-  
signação constar. A este concu-  
so, que por falta de elementos téc-  
nicos tornou as propostas muito  
divergentes entre si, concorreram  
as quatro casas seguintes:

Armstrong Whitworth, The Engi-  
neering Company Of Portugal,  
William Beardmore and Maschinen-  
fabrik Augsburg-Nürnberg. Três  
inglesas e uma alemã. As casas  
inglesas Alfred Herbert L<sup>o</sup> e Lon-

don Brothers, concorreram tam-  
bém, mas só ao fornecimento de  
máquinas-ferramentas.

Vejam os erros técnicos que  
se continham no programa do con-  
curso, erros que vieram reprodu-  
zir-se nas propostas apresentadas  
e que originaram grandes pre-  
juizos.

\*\*\*

A capacidade das novas ofi-  
cinas foi indicada no programa do  
concurso para o seguinte material  
effectivo: 200 locomotivas, 350  
carruagens e 3.000 vagões, sem  
se indicar o número de locomoti-  
vas, carruagens e vagões a repa-  
rar por ano. Mas mesmo com essa  
indicação o erro persiste, porque  
a área escolhida no actual recinto  
das Oficinas Gerais é diminuta  
para nele se fazerem as repara-  
ções que resultam dos computos  
do programa do concurso. Com  
respeito às máquinas ferramentas  
não houve uma única indicação té-  
cnica, apenas se consignando que  
as máquinas ferramentas «devem  
ser de boa qualidade e accionadas  
por motores proprios, sendo exa-  
minados nas casas fornecedoras  
antes de definitivamente aceites».

Do mesmo modo não houve uma  
única referência ao número e força  
das pontes rolantes eléctricas a  
empregar nas diferentes oficinas,  
sistema preferido para as mano-  
bras do material circulante, por  
placas e chariots, ou por meio  
dum feixe de linhas e respectivos  
cruzamentos. Como estes, há mais  
erros que são indesculpáveis e  
que amanhã analisaremos, assim  
como as condições das propostas  
apresentadas.

## De quem são as responsabilidades do desastre ferroviário de Belém?

A BATALHA entrevista o praticante José Serra

Ainda não se pode afirmar, categori-  
camente, a quem cabem as responsa-  
bilidades do lamentável desastre de Be-  
lém.

Atribuem-se as culpas ao praticante  
José Serra e ao maquinista do «Rápido»  
Sancho Santos, Santos Velhinho. O pri-  
meiro por ter comunicado à estação de  
Alcântara que se encontrava livre a via,  
e o segundo por não ter atendido aos  
sinais que lhe tinham feito.

Resolvemos ir ouvir o praticante Se-  
rra certos de que assim contribuímos  
para que luz fosse feita sobre o caso.

Falámos com o praticante num imen-  
so calabouço do Governo civil, onde  
está detido assim como o aguilheiro.  
Eis o que nos disse:

—A's 17.10 dei para a estação de Al-  
cântara o aviso de «via livre», julgando  
que o comboio de mercadorias n.º 302  
ficasse na linha de desvio, mas como a  
composição era de mais de 15 vagões,  
o chefe mandou passar para a linha as-  
cendente, para dar passagem ao com-  
bio que andava em serviço de electrifi-  
cação e que vinha de Pedrouços. Este  
comboio ficou em Belém esperando a  
comunicação de «via livre» de Alcânta-  
ra, comunicação que só foi dada pelas  
17.25.

Quando o comboio de electrifica-  
ção, o de mercadorias manobrou para  
entrar na linha descendente, e quando  
chegou a altura do S, que é a oassagem

da linha ascendente para a descendente,  
surge o «rápido» a toda a velocidade e  
foi chocar com o comboio n.º 302.

—O que originou o desastre?

—Foi o atroz que trouxe o comboio  
de electrificação.

—Porque deu o sinal de «via livre»  
para a estação de Alcântara?

—Dei o sinal porque sabia que hou-  
vesse tempo para fazer as manobras e  
porque o chefe da estação, contra o seu  
costume, não me preveniu que não desse  
a «via livre» até ele ordenar.

—Além disso deu a «via livre», mas de-  
vidado a ter de fazer uns despatches de  
grande velocidade, não pude estar  
atento.

—Que providências tomaram para  
evitar o choque?

—O chefe da estação, ao saber que o  
comboio tinha saído de Alcântara, foi  
para o fim da plataforma fazer o sinal

de paragem, mas devido ao maquinista  
vir de costas voltadas para a frente e  
não atender aos sinais não foi possível  
evitar o choque.

—Vou fazer a seguinte pergunta:

—Estava ali ficando desatenta a  
comissão com o foguetto, o que é con-  
trário aos regulamentos dos caminhos de  
ferro que obrigam o maquinista a estar  
continuamente de observação.

—Este não obedeu também aos re-  
pellido toques de alarme do comboio  
de mercadorias, nem aos gritos das pes-  
soas que estavam na estação. Além disso,  
os sinais encontravam-se todos fechados

—Sinal de paragem?

—E' este o relato fiel do que nos disse  
o praticante José Serra.

—Não queremos terminar sem fazer  
uma observação ao horário actual da  
Sociedade Estoril.

Achamos que esse horário deva ser  
modificado de forma a que, durante o  
dia, não haja comboios de mercadorias  
porque os intervalos entre os comboios  
de passageiros são curtos, o que origi-  
na, em algumas manobras feitas à pressa e  
poderem ocasionar desastres como o  
que agora aconteceu.

—Antigamente os comboios de mer-  
cadorias só circulavam de noite, e se assim  
continuasse a ser, com certeza não te-  
ríamos a lamentar o horrível desastre  
que tantas vítimas causou.

A necessidade das ambulân-  
cias nos comboios

Os serviços ferroviários andam abso-  
lutamente à matroça. A incompetência  
dos dirigentes, a péssima organização  
de serviços, a má fiscalização do Estado,  
tiram como triste resultado ser a popu-  
lação de quando em quando alarmada

por terríveis notícias de desastres hor-  
rorosos, como o da Lamosara, e de Be-  
lém.

—Os serviços da Direcção Geral de Fi-  
scalização dos Caminhos de Ferro estão,  
salvo raras excepções, entregues a in-  
competentes, o que faz com que deco-  
ram duma maneira vergonhosa, embora  
o contribuinte pague para que eles se-  
jam modelares. A estes serviços mandou  
o ministro do comércio transaccão fazer  
um inquérito que, como todos os in-  
quéritos em Portugal, dorme silenciosa-  
mente.

—Vezes sem conto se tem afirmado ser  
necessário que os comboios tenham um  
vagão-ambulância. Sobre este assunto  
escreveu-nos o camarada Alfredo Pinto  
a seguinte carta:

—Camara da redacção:—Analisando o  
ponderação a série de desastres ferro-  
viários tão lamentavelmente sucedidos, consi-  
ta-se o grande desleixo por parte das  
respectivas companhias onde é de se tem-  
verificado e até mesmo no Sul e Sueste,  
Minho e Douro, Beira Alta, etc., de faltar  
vagões-ambulâncias, tem necessários  
em trânsito, não só para estes casos mas  
até mesmo para pequenos accidentes em  
passageiros.

Já no Congresso Ferroviário Portu-  
guês foi debatido este momentoso as-  
sunto. Por parte de alguns delegados  
actuaes, foi isto tratado na Socie-  
dade de Geografia em Junho de 1922.

## SOB MUSSOLINI

Prisão dum deputado so-  
cialista

ROMA, 21.—Foi preso na fronteira  
o antigo deputado socialista Gindui, que  
regressava de Moscou e pretendia en-  
trar clandestinamente em Itália.

Os fascistas detidos

NAPOLIS, 21.—Nos recentes distúr-  
bios ocorridos nesta cidade, foram pre-  
sos pela policia sessenta fascistas que  
mais se distinguiram durante o conflito.

mas até à data continua a composição  
dos comboios a fazer-se da mesma for-  
ma. Como dantes, e apesar de tanta en-  
genharia, não acompanha os comboios  
um vagão-ambulância, o que deu em  
resultado no choque da Lamosara tnta  
vítima se regista por falta de tratamen-  
to immediato.

Não aconteceu outro tanto com o  
choque de Belém em virtude dos soco-  
ros immediatamente prestados porque se  
fosse a grande distância verificar-se-ia  
o mesmo que no da Lamosara.

Quando se toma na devida conside-  
ração a vida dos passageiros, por parte  
de quem de direito?—Alfredo Pinto.

## A situação dos presos

Secretariado Nacional de  
Assistência Jurídica e  
Solidariedade

Ontem esteve este Secretariado junto  
da P. S. E. a tratar da situação de três  
trabalhadores expulsos do Brasil, Ro-  
jollo Marques da Costa, jornalista;  
José Urbano de Paiva, pintor da cons-  
trução civil; e Joaquim Rodrigues, car-  
pinteiro; que se encontram no imundo  
calabouço n.º 6 do governo civil.

Também ali tentou saber, para sosse-  
go da família do operário canteiro Au-  
gusto Vitor, do seu paradeiro e foi-lhe  
dito que estava numa esquadra e entre-  
ga à investigação. Ainda se não co-  
nhece a razão da detenção deste ope-  
rário.

Contava este Secretariado até à hora  
de fazer esta nota verificar a libertação  
dos operários vindos do Brasil. Porém  
nada se conseguiu, conforme nos foi  
dito na P. S. E.

Um tremor de terra

deixa 10.000 pessoas sem lar  
BERLIM, 21.—Um tremor de terra  
no Turquestão russo deixou sem lar cerca  
de 10.000 pessoas. Desconhece-se as  
vítimas.



# A frota mercante do Estado continua paralisada

Sendo pavorosa a crise e a miséria nas classes marítimas, a respectiva comissão de defesa dirige-se ao ministro do comércio

A Comissão de Defesa da Marinha Mercante enviou ao ministro do Comércio o seguinte documento:

II. Ex.º Sr. Ministro do Comércio e Comunicações. — As classes marítimas de longo curso, justificadamente alarmadas com a grande crise de trabalho com que já há longo tempo vem lutando e que ameaça extirpar-se com a paralisação da frota mercante do Estado, reúnem nas suas respectivas associações de classe e acordaram em nomear os seus delegados, que se constituirão em comissão para reclamar junto de v. ex.ª imediatas e energéticas providências para debelar as causas primordiais dessa crise, que já levou a miséria muitos lares, constituindo este dolorosíssimo facto motivo de bem humanas revoltas, que muito dificilmente poderão ser contidas, se prontas e insustentáveis medidas não forem tomadas para pôr fim imediato às escandalosas causas que dão motivo à presente exposição.

Nestas condições e em cumprimento dum dever, vem esta comissão junto de v. ex.ª desempenhar-se da missão que lhe foi confiada, certa de que será acolhida com benevolência e que terá breve e satisfatória solução para as suas reclamações que preenchem de justiça.

Há já dois longos anos que estas classes, que hoje se elevam a mais de quatro mil homens, esperam pacientemente que os navios do T. M. E. sejam vendidos a particulares, nacionais, para que pudessem navegar e hoje mais esperanças estavam com a publicação da lei 1.577 de Abril último, que obriga a liquidação imediata da frota mercante do Estado mas, contra toda a expectativa, vê que nem mesmo com a citada lei consegue a satisfação dos seus desejos porque alguns navios que já foram vendidos em primeira praça, que se realison em 17 de Maio e na segunda praça em 1 de Junho próximo passado, ainda não foram entregues aos respectivos armadores, resultando daí a continua paralisação dos navios, causando graves transtornos às classes interessadas e também ao Estado, que está tendo uma enorme, e de há muito tempo, injustificada despesa, que orça por cerca de seis milhões de escudos anuais, gastos assim improduttivamente.

Algo-se, ex.ª sr. ministro, que os navios não têm sido entregues aos armadores porque não tem havido lugar nas docas onde têm de entrar para vistoria aos cascos como manda a lei e que, possivelmente, só para Dezembro futuro poderão ser entregues por se esperar que nessa data haja docas livres. Estas afirmações foram feitas pelo sr. Ortigão Peres, membro da Comissão Liquidatária dos T. M. E. a uma comissão que o procurou.

Não querendo esta comissão levantar suspeitas contra quem que seja, não pôde todavia conformar-se com tais alegações, visto que o regulamento das docas, que embora sejam exploradas por empresa particular, estão debaixo da jurisdição do conselho de administração das obras do porto de Lisboa, diz que tem prioridade de entrada nas referidas docas em primeiro lugar os navios de guerra e em segundo os navios considerados pacíficos. Ora todos os navios mercantes do Estado são por lei considerados pacíficos. Ora todos os navios mercantes do Estado, são por lei considerados pacíficos, não se compreendendo portanto as alegações do referido sr. Ortigão Peres, tanto mais que tem passado muitos dias em que se não vê navio algum nas docas e em outros, como no dia 29 p. m., estavam na doca grande dois pequenos vapores de pesca.

Parece a esta comissão que dada a prioridade aos pacíficos para entrar na doca, que se houvesse boa vontade e diligência na liquidação da frota do Estado, se poderia activar os serviços de vistoria, com o que todos lucrariam como quando da apreensão dos ditos navios, tanto mais que agora apenas nove navios esperam vistoria último entrave para a entrega definitiva aos seus armadores.

Discosmos acima, e assim é, que se houvesse boa vontade e diligência na liquidação imediata da frota do Estado, como manda a lei, a comissão liquidatária não renovaria constante e indefinidamente os fretamentos dos navios, que só aproveitaria ao fretador, ao ponto de se ver anunciadas saídas de navios com dois ou mais meses de antecedência, não se descontinuar por esta razão quando chegar o momento oportuno da comissão liquidatária julgar por bem terminar com tais fretamentos, para então proceder de vez à liquidação da frota e dar assim cumprimento à lei. Nós temos fortes razões para acreditar que esse momento difícilmente chegará se a energica intervenção de v. ex.ª se não fizer sentir desde já, não permitindo que a medida que os navios fretados vão chegando ao Tejo, sejam entregues sem demora à comissão liquidatária, visto que os fretamentos são feitos por viagens e estas sejam obrigadas a anular em breve prazo a sua venda.

Também desejamos chamar a elevada atenção de v. ex.ª para o caso dos navios que foram retirados da segunda praça por falta de licitantes e que por lei é o governo autorizado a resolver em conselho de ministros o destino a dar-lhes.

Esta comissão sabe que deram entrada no Ministério do Comércio, já há tempos, propostas para a sua aquisição e que até hoje nada se resolveu a tal respeito. Pede portanto que seja tomada uma resolução com a brevidade que o caso requer, tanto mais que as aludidas propostas, segundo nos informam, têm vantagens muito apreciáveis, que cremos não ser para desprezar, visto a carência de compradores nacionais que desejem fazer navegar os navios.

Não quer esta comissão causar mais atenção de v. ex.ª porque acredita

que o simples relato dos factos apontados e as pontas considerações que fazemos são suficientes para demonstrar quanto justiça nos assiste ao formularmos as nossas reclamações que são lidas de angustiosíssimas misérias que lavram nos lares da enorme família marítima, que não terá remédio senão acitar o sacrifício dos seus camaradas embarcados em navios fretados que se recusam à matrícula em navios nestas condições, caso não sejam atendidos os nossos desejos. E' este o último recurso de legítima defesa que nos resta, com toda a lealdade confessamos, mas que ousamos esperar que v. ex.ª obstará a que se ponha em prática para bem de todos, esperanças que tomaram na devida consideração os alvies por nós apresentados, que julgamos ser os precisos para solucionar a já vergonhosa questão do T. M. E.

Outro assunto de não menos importância para as classes marítimas de longo curso, nos obriga a prolongar esta exposição e para o qual também pedimos providências imediatas mas que nunca lograremos ver posta em prática uma medida generosa e de grande alcance social que o Parlamento da República decretou.

Trata-se da Caixa de Pensões e Reformas da Marinha Mercante Portuguesa. Pelo ex-ministro do Comércio

## A REPUBLICA BRASILEIRA entrou num período repressivo

Estão nos calabouços do governo civil três operários iniquamente expulsos da nação-irmã

A sedição militar de São Paulo que estalou em 5 de Julho transaccão serviu para os dirigentes da clerical e reaccionária república brasileira praticarem os maiores atropellos e violências contra os maiores atropellos e violências.

A revolução militar, nitidamente militar, de São Paulo, foi um pretexto para o governo federal e o seu reaccionário presidente, o cretino jesuita Artur Bernardes, exercerem perseguições a civis.

Está-se aqui a ver o absurdo, perseguir civis por um movimento de caserna, envolver paisanos em um conflito só capaz de ser sentido e compreendido pelos que envolveram uma farda militar.

Mas, para os governantes clericaes da república de além Atlântico, todos os pretextos são bons para atentarem contra a liberdade daqueles que, seja qual for o seu credo politico ou orientação social, se permitam não aplaudir incondicionalmente os seus actos, ou mesmo deles divergir, ainda que seja em boas e experimentais razões.

Nem alguns jornais e politicos burgueses escaparam. Do jornal A Patria foi metido a ferro e ao seu proprio director, dr. Dinis Junior. Da Vanguarda foi preso o seu director-proprietario, dr. Oséias Mota.

O Correio da Manhã também foi atingido pela absurda perseguição. Encontram-se a ferro o seu proprietario, os directores e gerentes, respectivamente os srs. Edmundo Rodrigues, Paulo Bettencourt, Mario Bettencourt, Duarte Felix, dr. Nação também foram detidos os srs. Leonidas de Rezende e Mauricio de Lacerda.

No movimento anarquista a policia fez uma verdadeira raziá.

O nosso camarada Fabio Luz, um dos maiores escritores brasileiros, apesar da sua avançada idade, não foi pou-

do, teve de sofrer as brutais violências policieas.

José Otacílio também foi envolvido. Este nosso camarada, que é um dos vultos de maior destaque na intelectualidade brasileira, professor, poeta, prosador, critico e dramaturgo, homem duma actividade colossal, também está a ferro.

Igual destino tiveram Antonio Vaz, Vicente Lloer, Antonio Salgado e Augusto Pizelli.

A organização operária — que terá a organização operária com as revoltas da tropa — também foi alvo da perseguição.

Os operários portugueses José Paiva, Joaquim Rodrigues e Marques da Costa sofreram as inclemências duma longa incomunicabilidade que durou cerca de 30 dias. Depois, sem que nada se tivesse provado contra eles, foram deportados para Portugal, onde chegaram anteontem a bordo do "Desadorno".

Os operários portugueses José Paiva, Joaquim Rodrigues e Marques da Costa sofreram as inclemências duma longa incomunicabilidade que durou cerca de 30 dias. Depois, sem que nada se tivesse provado contra eles, foram deportados para Portugal, onde chegaram anteontem a bordo do "Desadorno".

Os operários portugueses José Paiva, Joaquim Rodrigues e Marques da Costa sofreram as inclemências duma longa incomunicabilidade que durou cerca de 30 dias. Depois, sem que nada se tivesse provado contra eles, foram deportados para Portugal, onde chegaram anteontem a bordo do "Desadorno".

Os operários portugueses José Paiva, Joaquim Rodrigues e Marques da Costa sofreram as inclemências duma longa incomunicabilidade que durou cerca de 30 dias. Depois, sem que nada se tivesse provado contra eles, foram deportados para Portugal, onde chegaram anteontem a bordo do "Desadorno".

Os operários portugueses José Paiva, Joaquim Rodrigues e Marques da Costa sofreram as inclemências duma longa incomunicabilidade que durou cerca de 30 dias. Depois, sem que nada se tivesse provado contra eles, foram deportados para Portugal, onde chegaram anteontem a bordo do "Desadorno".

Os operários portugueses José Paiva, Joaquim Rodrigues e Marques da Costa sofreram as inclemências duma longa incomunicabilidade que durou cerca de 30 dias. Depois, sem que nada se tivesse provado contra eles, foram deportados para Portugal, onde chegaram anteontem a bordo do "Desadorno".

Os operários portugueses José Paiva, Joaquim Rodrigues e Marques da Costa sofreram as inclemências duma longa incomunicabilidade que durou cerca de 30 dias. Depois, sem que nada se tivesse provado contra eles, foram deportados para Portugal, onde chegaram anteontem a bordo do "Desadorno".

Os operários portugueses José Paiva, Joaquim Rodrigues e Marques da Costa sofreram as inclemências duma longa incomunicabilidade que durou cerca de 30 dias. Depois, sem que nada se tivesse provado contra eles, foram deportados para Portugal, onde chegaram anteontem a bordo do "Desadorno".

Os operários portugueses José Paiva, Joaquim Rodrigues e Marques da Costa sofreram as inclemências duma longa incomunicabilidade que durou cerca de 30 dias. Depois, sem que nada se tivesse provado contra eles, foram deportados para Portugal, onde chegaram anteontem a bordo do "Desadorno".

Os operários portugueses José Paiva, Joaquim Rodrigues e Marques da Costa sofreram as inclemências duma longa incomunicabilidade que durou cerca de 30 dias. Depois, sem que nada se tivesse provado contra eles, foram deportados para Portugal, onde chegaram anteontem a bordo do "Desadorno".

Os operários portugueses José Paiva, Joaquim Rodrigues e Marques da Costa sofreram as inclemências duma longa incomunicabilidade que durou cerca de 30 dias. Depois, sem que nada se tivesse provado contra eles, foram deportados para Portugal, onde chegaram anteontem a bordo do "Desadorno".

Os operários portugueses José Paiva, Joaquim Rodrigues e Marques da Costa sofreram as inclemências duma longa incomunicabilidade que durou cerca de 30 dias. Depois, sem que nada se tivesse provado contra eles, foram deportados para Portugal, onde chegaram anteontem a bordo do "Desadorno".

Os operários portugueses José Paiva, Joaquim Rodrigues e Marques da Costa sofreram as inclemências duma longa incomunicabilidade que durou cerca de 30 dias. Depois, sem que nada se tivesse provado contra eles, foram deportados para Portugal, onde chegaram anteontem a bordo do "Desadorno".

Os operários portugueses José Paiva, Joaquim Rodrigues e Marques da Costa sofreram as inclemências duma longa incomunicabilidade que durou cerca de 30 dias. Depois, sem que nada se tivesse provado contra eles, foram deportados para Portugal, onde chegaram anteontem a bordo do "Desadorno".

Os operários portugueses José Paiva, Joaquim Rodrigues e Marques da Costa sofreram as inclemências duma longa incomunicabilidade que durou cerca de 30 dias. Depois, sem que nada se tivesse provado contra eles, foram deportados para Portugal, onde chegaram anteontem a bordo do "Desadorno".

Os operários portugueses José Paiva, Joaquim Rodrigues e Marques da Costa sofreram as inclemências duma longa incomunicabilidade que durou cerca de 30 dias. Depois, sem que nada se tivesse provado contra eles, foram deportados para Portugal, onde chegaram anteontem a bordo do "Desadorno".

Os operários portugueses José Paiva, Joaquim Rodrigues e Marques da Costa sofreram as inclemências duma longa incomunicabilidade que durou cerca de 30 dias. Depois, sem que nada se tivesse provado contra eles, foram deportados para Portugal, onde chegaram anteontem a bordo do "Desadorno".

Os operários portugueses José Paiva, Joaquim Rodrigues e Marques da Costa sofreram as inclemências duma longa incomunicabilidade que durou cerca de 30 dias. Depois, sem que nada se tivesse provado contra eles, foram deportados para Portugal, onde chegaram anteontem a bordo do "Desadorno".

## Vida Sindical

U. S. O.

### Comissão Administrativa

Reúne hoje a comissão administrativa, conjuntamente com os delegados dos operários da Carris de Ferro de Lisboa, pelas 20 horas.

### Conselho de delegados

Reúne hoje, pelas 21 horas, para se occupar dos seguintes assuntos:

Q. aumento das tarifas dos electricos; Q. questão do pão; Q. touradas com touros de morte; Q. venda do jogo da lotaria, por rapagens menores;

Sobre o tribunal dos accidentes de trabalho; Q. questão do inquilinato;

Pelos assuntos importantes que devem ser tratados, é imprescindível a comparência de todos os delegados.

### CONVOCAÇÕES

Federação Marítima. — Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa.

Federação Nacional da Tanoaria e Anexos. — Reúne hoje, pelas 20 horas, o Conselho Federal a fim de apreciar a constituição da Secção Federal do Norte, e dar andamento às deliberações tomadas na última reunião.

Esta reunião é inadiável, sendo indispensável a comparência de todos os delegados.

Federação do Calçado, Couros e Peles. — Reúne hoje o conselho federal, às 21 horas.

Labor Proletário. — Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa para assunto que se prende com a sua publicação.

S. U. Metalúrgico. — Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão pró-reposicionamento do município. — Reúne hoje, pelas 20, 30 horas, em assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos, nomeação de cargos vagos delegados a U. S. O. e questão das empreitadas.

Manufactureiros de Calçado. — O cobrador Capinha deve comparecer amanhã, pelas 21 horas, com os verbetes.

Carpinteiros de Longo Curso. — Reúne hoje a assembleia extraordinária, pelas 20 horas, para apreciar um officio do Sindicato dos Carpinteiros Navais, devendo comparecer todos os associados e, os que faltarem, consideram-se eliminados deste Sindicato.

Fragateiros. — Reúne hoje, pelas 20 horas, em assembleia geral para tratar de assuntos de grande interesse para a classe.

S. U. Mobiliário. — Comissão de melhoramentos. — Para continuação dos trabalhos, reúne hoje, pelas 18, 30 horas esta comissão, devendo comparecer todos os componentes e bem assim o pessoal das casas Elias e Marcenaria Brasil.

S. U. da Construção Civil. — Comité da sede. — Reúne hoje, às 21 horas, com todos os delegados dos organismos aqui instalados. Devido a serem assuntos urgentes, que nenhum delegado falte.

Comissão profissional dos pintores. — Reúne hoje, pelas 21 horas com a comparência do 1.º secretario.

Secção Profissional dos Pedreiros. — Convidam-se todos os camaradas pedreiros a reunirem hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral para tratar de aumento de salário e de vários assuntos de urgência.

Comissão do Sainho. — Convidam-se todos os camaradas que fazem parte desta comissão a reunirem hoje, pelas 21 horas, para tratar de um assunto urgente.

Conselho de Secções. — Este organismo convida a comissão administrativa da Secção Profissional dos Carpinteiros a reunirem hoje, pelas 20 horas, para tratar de um assunto de importância.

Conselho Técnico. — Reúne hoje, pelas 21 horas, em assembleia de delegados, sendo indispensável a comparência de todos os componentes devido à importância dos assuntos a tratar, devendo comparecer também o camarada Inácio Marques.

Trabalhadores: LEDE «A BATALHA»

A empreitada e o horário de trabalho

A Federação de Tanoaria e Anexos vai tratar destes importantes assuntos

De há muito que os operários tanoeiros do país vem procurando abolir o trabalho de empreitada na indústria, não tendo conseguido até hoje ver a satisfação desta justa aspiração.

Neste momento a Federação dos Operários de Tanoaria e Anexos vai iniciar uma larga propaganda nesse sentido realizando sessões em todos os sindicatos aderentes, devendo em breve effectuar-se reuniões magnas em Lisboa, Porto, Gaia, Almada e Esmeris.

Também a mesma Federação vai tratar com igual carinho da reivindicação do horário das 8 horas para os trabalhadores das armazéns de vinhos, realizando-se oportunamente grandes reuniões em Lisboa e Gaia dos operários daquela especialidade.

A Federação de Tanoaria fez publicar um suplemento de O Tanoeiro, seu órgão mensal, no qual circunstanciadamente se descreve a razão dos importantes casos que vai tratar, sendo de esperar que todos os trabalhadores da industria saibam conquistar aquelles regalias.

III Congresso Nacional da Indústria de Calçado, Couros e Peles

Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão do III Congresso para prosseguir nos seus trabalhos e apreciar as theses sobre «A mecânica na industria do calçado e do couro» e «A industria perante a proxima revolução».

A comissão pede a todos os sindicatos que respondam ás circulares, com brevidade, para não prejudicar os trabalhos a realizar para o Congresso que se deve effectuar imprementemente nos dias 19, 20 e 21 de outubro.

## GRANDE FESTA Pró-A BATALHA

E' amanhã que se realiza esta grande festa, a que o operariado tem correspondido com calorosa sympathia, pelo que é justo prever que ella resulte numa veardadeira consagração do órgão dos trabalhadores.

A comissão organizadora conseguiu elaborar um magnifico programma que está destinado a um verdadeiro successo, não só pelas peças que vão a scena como pelos outros números.

A comissão organizadora pede a todas as pessoas ou organismos a quem foram enviados convites-programas, para devolverem as sobras que por ventura tenham, antes do dia do espectáculo.

Depois d'este dia não se aceitará, tanto mais que luta com falta de les.

Os convites que restam podem ser procurados na administração d'esto jornal.

## Classes que reclamam

Canteiros e Polidores de Mármore

Reúne esta classe em assembleia geral, na passada quarta-feira, para tratar das reclamações entregues aos mestres de obras e industriais de oficinas de canteiro há cerca de um mês. A classe está muito agitada por até á data aquelles senhores não se dignarem responder como era seu desejo em face da situação miserável em que se encontram os operários da industria, especialmente os canteiros.

Deliberaram aguardar a resposta até amanhã, e, caso não respondam, distribuir um manifesto-convite á classe a fim de a convocar a reunir em assembleia magna na proxima terça-feira, para traçar o caminho a seguir.

## AOS TIPOGRAFOS DESEMPREGADOS

A direcção da Associação dos Compositores Tipograficos, no sentido de conseguir colocação aos seus sindicados que se encontram desempregados, convide estes e bem assim aquelles que não trabalham a semana inteira, a inscreverem-se na sede do seu sindicato até ao dia 28 do corrente, em todos os dias úteis, das 16 horas ás 18 e das 18,30 ás 20.

## Dr. Pedro Vallina

Doenças do tórax e pulmões e CLÍNICA GERAL

Consultas na rua do Mundo, 84, 2.º, das 14 ás 16 horas.

A PREÇOS MODICOS

Rua Fernandes Tomas, 52, 2.º, das 16 ás 18 horas.

Travessa da Agua de Flor, 10, 2.º, quintas e sábados, das 21 ás 22 horas. Chamadas: rua Gomes Freire, 142, 2.º

Portalegre. — Antonio Rodrigues Soares. — Aguardamos resposta sobre os assinantes do «Misterio do Povo».

Graça do Divor. — Ass. Rural. — Recebemos 575\$00 e lista que será publicada na devida altura.

Belmonte. — Joaquim d'Andrade. — Suspendemos remessa por falta de pagamento.

Nunão. — Luis Gualtero Cabral. — Suspendemos remessa por falta de pagamento.

Merece a pena ir toda a gente ver a scena do desarrailamento e a explosão do

COMBOIO N.º 6

peça que está fazendo grande successo no

TEATRO APOLO

CORREIOS E TELEGRAFOS

Um desmentido

Segundo uma nota da secretaria do comércio, é absolutamente falso que a administração geral dos correios e telegrafos tenha mandado pagar os vencimentos do pessoal que deixou de prestar serviço.

Mantém-se a situação fixada pelo ministro do comércio, referente ao não pagamento ao pessoal que quiz apresentar-se ao serviço, em 17 de julho passado.

PEDRO KRAPOTKINE

O Estado E O SEU papel histórico

Brochura com 120 paginas ao preço de 1\$50 pelo correio 1\$70. Pedidos á administração da BATALHA

## Teatro Nacional HOJE HOJE O BELO DRAMA

## O Amor de Perdição

Preços reduzidos. — Platea: 4\$40, 5\$60, 9\$50 e 12\$00. Camarotes: 20\$00, 35\$00 e 50\$00. Galeria: 3\$40.

## TEATROS & CINEMAS Últimas notícias

## Eden Teatro

Estreia da companhia «Sascha Morgowa»

Não nos parece, como se diz se que a expectativa do público numeroso que hontem acorreu ao Eden teve-se sido iludida. Ninguém esperava certamente assistir á exhibição coreográfica de uma troupe completissima, sabido como está que é um cometimento arriscado para qualquer empresa, contratar um núcleo dramático ou lirico de primeira linha, além de que, é actualmente extremamente difícil deparar com uma companhia que obedeça á todos os requisitos da arte, porque isso difficil é também para quem pretenda organizar um grupo a que nada falte desde a qualidade dos artistas até á mais ligeira minudencia da mise-en-scene. A companhia de bailados e cantos internacionais sob a direcção de Sascha Morgowa, sem ser composta de muitas figuras, reúne no entanto um homem-euro número das (todas femininas) a que não falta plasticidade e beleza do rosto, que activa imediatamente uma plateia por muito exigente que ella seja.

Já no primeiro número «Cleopatra» a que o programma chama visão coreográfica baseada em uma lenda do antigo Egipto, em que uma cobra indiana, autêntica, se enrosca lúbricamente em volta dos seios da heroína que Marlene Sascha incarna, a impressão ao publico foi bastante agradável, e para isso contribuiu o bom efeito das alturas das figuras e a caprichosa marcação da scena.

Este número é uma melange de trechos de musicas conhecidas, facto que se dá em outros, o que não os prejudica. Pena é, ate, que a orquestra não tenha a afinção que seria para deslizar. Sobretudo neste numero a bailarina Natalia Albrecht.

A 1.ª das danças húngaras de Brahms, dançada pela bailarina Corneille, deu ensejo a mostrar o bulício desta galante figura da companhia que brilhou também em «Mocsa» e na de Dorothy.

Mas os numeros de mais interesse da noite foram os «Boncos», desempenhados pela directora da companhia e pelo seu corpo-de-baile com bastante originalidade. Este numero, que é dançado ao som duma musica caracteristicamente expressiva, tem como fundo um cenário bastante original. Foi bisado.

Os outros numeros de mais relevo consistiram nua aparatosa exhibição intitulada «Cocotte no inferno» que é um dos numeros da suite n.º 2 de Grieg Peer Gynt, e a canção americana tipica «Sim não lemos bananas» desenvolvida e escandalizada, que, como de costume em musicas desta natureza arrancou muitos applausos, tendo de ser bisada.

O final da exhibição, foi um pretexto para ostentação plastica das figuras da companhia e isso produziu no publico uma certa sensação de agrado, á propôrção que os seis numeros das «porcelanas artisticas» iam decorrendo, porque as poses foram de tal forma feitas artisticamente ao vivo (como já acontecerá nas «silhetas») que os espectadores olhavam a certeza disso, quando depois, no final, as succederem as assistentes chamadas aos artistas, o actor António Gomes veio ao proscenio dizer que as artistas não podiam vir agradecer porque...

O resto adivinhou o publico, ouvindo-se algumas vizes «nós não nos importamos». A' bon entendu.

Por todos estes motivos é de esperar farta concorrência ao Eden, nas quatro noites que faltam.

Nogueira de BRITO

Reclames

Esta noite faz-se a «reprise» no Nacional do belo e emocionante drama extraído de uma das obras do immortal romancista Castello Branco, «O Amor de Perdição» tem que a actriz Ilda Silvini interpreta o papel criado por Angela Pinto e Helmi de Castro desempenha o da pobre Teresa que morre no convento á mesma hora que noivo parte para o degredo. Os restantes papéis estão a cargo de Maria Pia, Ribeiro Lopes, Samuel Diniz, Joaquim Fraga, João Calzanos, Alvaro de Almeida, etc.

Os scenários que vemos em todos os quadros são novos e o guarda-roupa é de Castello Branco.

Miguel Servo e a Baronesa Maria de Ganezy são duas personagens da mig. n.º 6, em scena no teatro Apolo, admiravelmente e respectivamente interpretadas pelos distintos artistas João Silva e Amélia Trajano que dão aos seus papéis um especial relevo.

O «Comboio n.º 6», com a scena do desarrailamento á vista do publico, é a peça que mais successo tem feito em Portugal, contando muitas centenas de representações em Paris onde o seu texto temido formidável.

SOCIEDADES DE RECREIO

Academia de Pessoal do Comando Geral de Artilharia. — Previne todas as congéneres de que em assembleia geral realizada em 8 do corrente foi resolvida a suspensão da bandeira, não podendo por este motivo aceitar qualquer compromisso.

ACABA DE SAIR

MANUAL PRATICO DO SHUFFLEMAN

1 volume com 400 paginas, illustrado com 215 gravuras. Encadernado em precalina, preço 25\$00; pelo correio, 27\$00. Pedidos, acompanhados da importância respectiva, á administração de A Batalha.

ACABA DE SAIR

MANUAL PRATICO DO SHUFFLEMAN

1 volume com 400 paginas, illustrado com 215 gravuras. Encadernado em precalina, preço 25\$00; pelo correio, 27\$00. Pedidos, acompanhados da importância respectiva, á administração de A Batalha.

ACABA DE SAIR

MANUAL PRATICO DO SHUFFLEMAN

1 volume com 400 paginas, illustrado com 215 gravuras. Encadernado em precalina, preço 25\$00; pelo correio, 27\$00. Pedidos, acompanhados da importância respectiva, á administração de A Batalha.

ACABA DE SAIR

MANUAL PRATICO DO SHUFFLEMAN

1 volume com 400 paginas, illustrado com 215 gravuras. Encadernado em precalina, preço 25\$00; pelo correio, 27\$00. Ped



## CRONICA DO PORTO

# A Companhia das Aguas contra a população

**Ainda a roça da «Industrial de Madeira» — Os operários reduzem a fome pelos salários que auferem Ganância desenfreada dum senhorio**

PORTO, 21. — Pensou alguém que nós, por influências estranhas, abandonáramos as nossas considerações acerca da célebre «Companhia geral das águas por estrangeira»?

E, afinal, apenas as interrompemos, por termos de nos ausentar por alguns dias desta terra... tam «seguros»...

Fundo o interrogar, vamos cumprir o prometido, isto é: explicar o motivo provável porque é que a «Companhia das águas» não reforma a sua canalização, os seus maquinismos, as suas obras...

Tanto mais que estamos na ponta do rebuçado, quer dizer: que estamos a chegar à época própria em que a água mais custa a faltar.

A «Companhia das águas» durante os seus 42 anos de existência exploradora, nunca teve tempo de reservar um centil destinado à reforma de todo o material. Preocupada simplesmente em canalizar o capital triplo para Paris, esqueceu-se de canalizar as canalizações, os filtros, os maquinismos e da densidade da população, da qual tem direito, cada habitante, a 100 litros por dia...

Assim narcotizada na ganância de nos levar o património dinheiral para a rua de Anjo, ou para outra que possivelmente se lhe substituiu, deixou que tudo dependente da sua guarda e taxativamente obrigatório ao contrato chegasse ao estado caótico, ao formidável relaxo a que chegou...

Agora para as necessárias e urgentes reparações, para as necessárias e urgentes reformas, que possam tirar a cidade martirizada desta areia constante da água toldada e por conta-gotas, e quando chega a precisos milhares de contos...

Ora nestes tempos de usura mais acentuada, de carestia de materiais e da falta dum reserva que a «Companhia das águas» tinha obrigação de criar para a conservação ou remodelação das suas canalizações, obras, maquinismos, filtros, etc., — é uma valentíssima espiga...

Além disso, a Companhia das águas deve pensar desta maneira, filosofando calculadamente lá para os seus botões: «Para completar 60 anos da minha existência de predomínio na 18.ª cidade do Porto faltam apenas 18 anos. Passados estes 18 anos, o município terá o direito em qualquer época de emitir a concessão, pagando-me durante o prazo fixado pela condição 10.ª 99 anos, uma anuidade igual à média do rendimento líquido dos últimos cinco anos imediatamente anteriores à remissão». E como «depois da remissão cessarão todas as vantagens e direitos que o presente contrato confere à companhia, com a única excepção da referida anuidade, passando a posse, administração e usufruição das obras, materiais e águas imediatamente para o município pelo número de anos que faltarem para preencher o prazo fixado; e como ainda, findo este prazo, a câmara entrará imediatamente na posse, administração e usufruição de todas as obras e águas a que se refere a citada condição e de todo o material empregado pela companhia, isto é: de reservatórios, canalização, máquinas, etc., sem indemnização alguma para a companhia» — segue-se que é de boa teoria e de boa prática, não só não gastar um franco na composição ou reforma das canalizações e acessórios, como até deixar apodrecer tudo o mais que se possa...

«Que diabo! o mundo dá muitas voltas. A mania pode haver uma revolução radical, socialista, comunista ou de outra qualquer natureza» pública que coloque nos organismos públicos criaturas sérias, energias e competentes pouco dispostas a aturarem os meus desleixos e o mais que prejudica a população. Dando-se uma tal calamidade, sem corria, inevitavelmente, da «fortaleza» aquosa, situada à margem do rio Sousa...

Que possa ser «bombardada» por uma situação política e económica menos corrupta, é um caso que não se pode contestar infelizmente. Sendo assim, que fique tudo em caos, em ruínas, num fragoroso. Prevejo a vingança, que é o prazer dos deuses...

E assim que certamente lá a zaratustra «Companhia das águas», mas não é desta maneira que os nossos «arredores» do município encaram as coisas.

Portanto, não se aumentam, não se reparam, não se reformam as canalizações, os filtros, os maquinismos, as obras, as turbinas...

Para honra de uns dirigentes sem escrúpulos...

Para proveito dum «Companhia geral das águas por estrangeira» em terreno conquistado...

Em prejuízo dum população indigente, ávida e cômica moral desta pouca vergonha infundida...

O pessoal de «A Industrial de Madeira» vítima da mais desenfreada exploração

Na fábrica «A Industrial de Madeira», a que já nos referimos, os salários são pesadamente pagos.

E tam escassamente remunerados são os operários daquela empresa gerida pelo sr. Joaquim Gomes, o qual ainda se julga socialista, que muitos deles se vem na necessidade de, pela semana adiante, pedirem abonos a fim de pagarem a refeição...

E que, em chegando o sábado, a remuneração semanal é insuficiente para cobrir as despesas adquiridas na mercadoria ou no tacho.

Um dia qualquer do mês findo, o escravo Abel Pimenta viu-se num daqueles transe alucinados. Confiante na misericórdia dos patrões, solicitou-lhes um adiantamento. Foi-lhe terminante-

mente negado, a despeito de já se estar numa sexta-feira e o importante já ter trabalhado quatro longos dias...

Resultado: o ter como jantar um copo de água e um pouco de pão... E assim trabalhou o resto da tarde, mercê do humanitarismo dos proprietários da «Industrial de Madeira»...

Não nos concordamos que os operários, lá pelo facto de ganharem pouco, procurem remediar a sua triste situação de miséria com subservientes pedintes de adiantamentos. Este processo degradado deve ser substituído pela sua união no seu sindicato profissional, para que possam defender, com eficácia, os seus direitos de livre existência, e portanto, uma melhor paga dos seus serviços de molde a que não estejam sujeitos a um regime de humilhação tam baixo...

Neste sentido se pronunciava Abílio de Barros Guimarães. Por isso está no índice — e o pretexto chegou...

Na dita fábrica também não se cumpre, a lei do horário das oito horas. Os respectivos industriais declaram que a lei são eles... São contra as do Estado, são anti-legistas oficiais, desde que isso lhes traga benefícios. Caso contrário, desde que o legalismo seja a favor do seu cofre usurpador, então abraçam-no com frenesi, com o doido frenesi do dementado avarento.

Deu-se, assim, o seguinte facto: Barros Guimarães tivera, num certo dia, uma conversa com o sócio da fábrica sr. Castro, a propósito da necessidade dum reparação numa máquina. O tal Castro encarregou-o de, depois das horas ordinárias, fazer aquele serviço. Seria uma grande coisa e pagaria-lhe o tempo perdido, o qual atingiu três horas.

As horas extraordinárias são pagas a dobrar. Os patrões, porém, recusavam-se a isso. O operário não transigiu: acima de tudo estava a questão moral, a dignidade individual e colectiva que não deve permitir no cerceamento de regalias...

E costume naquele estabelecimento fabricar o empregado do escritório apresentar aos operários quantos dias de trabalho tem e quantas horas extras ordinárias fizeram — a despeito de haver umas chapas numeradas e uma caixa onde aquelas são deixadas, por cada escravo, uma de manhã e outra depois da refeição do meio dia...

O nosso camarada respondeu, na sua altura, que tinha seis horas extraordinárias, visto as três serem pagas pelo dobro.

Joaquim Gomes, o tal suposto socialista e «partidário» das leis sociais, surgiu desembestado, vociferou, desenhando no espaço ademanes grotescos e provocando, costume frequentemente usado para os trabalhadores do campo que lá empregam a sua actividade exploradora, e afirmou perentoriamente que não atenderia a justa exigência do citado operário. Este no serviço extraordinário partiu um metro, no valor de \$800; mas o tal Joaquim Gomes, ou Joaquim Terra, declarou que até podia partir uma perna; com isso nada tinha. Por uma porta iria para a suca, enquanto pela outra entraria novo desgraçado para o substituir...

O sócio Castro, porém, resolveu então pagar o serão como era de lei, fez a advertência solene de que Barros jamais ficaria uma hora depois das regulamentares — com o que pouco se preocupou.

Abordado pelos seus camaradas, o operário em questão fez salientar o quanto vale a energia na defesa dos direitos. Mas isto chegou imediatamente ao conhecimento do Terra, e eis que ele se apressa novamente a garantir, raivoso, que não pagava outra vez...

Por fim, sempre o Castro, no dia do pagamento, deu ordem para satisfazer a reclamação do Abílio de Barros — ficando, contudo, com uma pedra no sapato...

Até que, decorridos uns dias, sem mais tirir nem guirar, o empregado do escritório, no acto de fazer as férias, explicou ao nosso camarada que a empresa lhe dispensara os seus serviços, visto que já o tinha «despedido» no sábado anterior... o que não fora verdade...

Mas o tal Terra, para que a vítima não possa recorrer para o Tribunal dos Arbitros, visto que foi despedido injusta e inesperadamente — manteve-se na sua intrigante, isto é: na afirmação de que o Castro perpetuamente o licenciara...

«Não é uma fábrica modelar? Não são uns patrões exemplares... para a malandragem? Não são estes factos que aconselham justificados actos de desespero, de «evanchem» condigna?

A ser verdade o informe de Abílio de Barros Guimarães, o tal Gomes ou Terra poderá continuar nas fileiras socialistas?

**A ganância desenfreada dum senhorio**

PORTO, 20. — Devemos piamente concordar que o José do Telhado e o João Brandão eram muito mais heróicos e muito mais dignos do que senhores da força tirigica dum tal Abel Pimenta de Castro, acolitado em rua Chã...

Assaltavam o transeunte cavaliagem, — lhe violentamente as algebeiras, mas faziam-no nas encruzilhadas e expostos a todos os perigos dum luta desesperada e dum defesa afilada...

Contra si, tinham toda a população, toda a força pública, toda a magistratura, todas as combinações da lei...

Os Abel Pimentas gozavam da permissão de roubar, impunemente, em plena cidade e com o maior desparcamento desta vida...

E certo que em 12 do corrente, o famigerado Abel Pimenta de Castro, proprietário dum bairro situado na travessa de Campanha, fôra ajeitado por um tiro, disparado pelo operário José Bento...

— o qual se indignara contra a ordem de despejo que o carrasco do senhorio movera, de combinação, ao sobrealuga, com o fim de arrastar para a rua 11 famílias que lutam com a miséria...

Mos como a bola vingadora apenas lhe beliscara um beijo selvagem, e como não escarmentou com a infeliz ligação — o «quadrirelho» não desistiu dos seus propósitos de harpia e de provocação...

O José do Telhado não consentia que os seus homens maltratasse um criança; e muitas vezes dividia o roubo com os pobres...

Mas o Abel Pimenta, muito interior em sentimentos, pouco se preocupou que num desgraçado calre gemesse uma mulher com as dores da maternidade e outro simulacro de leite estivesse estatelado num docete. A fome das crianças não o comoveu: o seu coração é pior que o dum biena.

A sua ânsia é de dinheiro. E assim, a uma comissão de moradores do dito bairro que o procurara, depois do referido atentado, para se chegar a um acordo, comprometeo-se os inquilinos a darem mensalmente 20\$00 por um antro que há três anos era alugado por 3\$20 — ele teve a ousadia, o desplane de exigir, não só 35\$00 pelo aluguer, mas ainda uma «indemnização» de 150\$00 por cada caseiro!

Uma indemnização de quê? — pergunta toda a gente pasmada...

Certamente por algum novo tiro que possa levar pelos quixotes...

Com franqueza: isto está a merecer uma barreira em forma...

E as autoridades, em face destas reconhecidas gatuas, o que fazem? Colocam-se ostensivamente ao lado dos ladrões...

De maneira que os habitantes do aludido bairro estão na frente deste dilema: ou dão os 35\$00 exigidos pelo monstro; ou vão roubar 150\$00 para lhe meterem no bolso agastado — ou podem contar, como segura, a atiradilha expulsão para o chão da rua...

«Lembram-nos que ontem um rapazito fôra cair na «saca» no Aljube, por ter «achado» uma saca numa fruteira...

«Ah! Sansão, Sansão! Quando farás destruir o templo desta tirania ocupado por filisteus de tam ruim estôfo...

Tomar conhecimento da desistência que o sr. Agapito Serra Fernandes está disposto a fazer, em determinadas condições, da compra das padarias sociais; e ainda:

resolver sobre a adjudicação das mesmas padarias nos termos de qualquer proposta que for apresentada nas condições de tal desistência.

Em harmonia com a recente alteração do artigo 18.º dos Estatutos, faz parte da Assembleia Geral, com direito a voto o accionista que possua, pelo menos, 100 acções que estejam averbadas ou depositadas na sede, 15 dias antes do designado para a Assembleia Geral.

O depósito de acções para esta assembleia poderá ser feito até 25 do corrente inclusive, no escritório da sede, e até 23, também inclusive, na nossa Filial no Porto ou nos seguintes estabelecimentos bancários de Lisboa:

**Banco do Minho**  
**Banco Lisboa & Açores**  
**Jose Henrique Totta, Ltd.**  
**Monte-Pio Geral**

Lisboa, 19 de Agosto de 1924.  
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

**Jose do Vale Matos Cid**

**Funcionalismo Público**

A Direcção do Grémio dos Funcionários do Município tem continuado a trabalhar junto do Parlamento, para que o Senado vote, como é de toda a justiça, que a classe dos empregados municipais do país seja extensiva a melhoria de vencimentos que vai ser concedida ao funcionalismo público, isto a exemplo do que se tem feito em leis anteriores.

**Os que morrem**

Realiza-se hoje pelas 13 horas, o funeral de sr. D. Ana Maria das Mercês, mãe de Artur Pinto das Mercês, tipógrafo do *Diário de Lisboa*.

O preito, sairá aquela hora da rua Luciano Cordeiro, 57, 2.º, para o cemitério do Lumiar.

## Propaganda sindical

**Em Faro, Miguel Correia realiza uma palestra**

FARO, 19. — Na U. S. O. desta cidade fez ontem uma palestra o camarada Miguel Correia, militante ferroviário.

Presidiu Raúl Duarte, fabricante de calçado, sendo secretariado por Vitor Manuel dos Santos, ferroviário, e Edeardo dos Santos, da construção civil.

O camarada presidente com breves palavras fez a apresentação de Miguel Correia, dando-lhe seguidamente a palavra.

Diz o orador: O momento em que nos encontramos é o mais oportuno que há, em virtude dos factos que se estão produzindo, para se descrever o que são e o que deveriam ser os Sindicatos Operários.

O nosso país não representando geograficamente um grande peso, deve-nos merecer contudo muita atenção na organização operária, demais quando as classes capitalistas e burguesas estão decaído hora a hora.

Somos hum povo pequeno territorialmente socialmente. Em compensação somos dos maiores politicamente. Chegamos na política a assombrar por todos os outros povos, motivo porque nada de bom realizamos. Nos outros povos há os que regem os negócios públicos e de facto são políticos. Há homens que, de facto, nossos adversários podem afirmar-se como defensores da burguesia.

Em Portugal os políticos são na sua maioria as maiores imbecilidades e são tão desastrosos que nada defendem e tudo comprometem.

A morte e a liquidação do regime republicano começou em 1910 e são os próprios republicanos os seus covetores. Os políticos que estão à frente do país não são republicanos mas sim monárquicos-reacionários, só tendo, na sua maioria, de republicano o rótulo.

A república não está já de facto falida devido à inação da classe operária e se essa falência se nota, deve-se não ao proletariado, que muito tem dormido, mas sim aos políticos, aos burgueses.

Os trabalhadores estão, pois, em frente dum liquidação do actual regime. A situação presente leva-nos a constatar que do regime republicano nada resta.

Haverá ainda republicanos honestos, mas se os há é porque ainda não passaram pelas cadeiras do poder ou pelo parlamento. Todos que por ali há passado tem realizado obra negativa e desmoralizadora.

E, pois, o próprio regime que se está indicando aos trabalhadores que se devem organizar devidamente para tomar conta do que lhes pertence.

As falcatruas dos políticos são de tal natureza que não podemos tomar a sério as suas afirmações. Todos os dias nos é dado conhecer falcatruas, nepotismos, desvios, roubos, escândalos, encontros, cometidos pelos criminosos, pelos imbecis defensores do regime actual. Por mais violento que pareça, o que diz ainda não é a milésima parte do que devia dizer.

Todos os republicanos que ainda julgam ter honestidade, devem constatar que esta desapareceu desde que, faltando aos seus princípios, têm consentido as falcatruas que se têm dado, sendo portanto convenientes em toda esta desmoralização.

É necessário trazer os factos à presença dos trabalhadores, motivo este do seu ataque ao regime.

Não pode o proletariado português ter esperanças de melhor poder respirar nesta sociedade burguesa e o seu bem estar depende da força orgânica dos próprios trabalhadores.

Uma classe operária, tem de garantir uma organização de defesa contra a classe burguesa, garantido a sua organização social e económica até à sua emancipação final. Por consequência os trabalhadores portugueses, que infelizmente ainda não estão identificados com a Organização, têm de se identificar forçosamente porque a isso há de ser coagidos pela situação política que ora impere.

Não vem fazer propaganda de teorias socialistas, comunistas, sindicalistas ou anarquistas, mas sim demonstrar a necessidade da organização das classes trabalhadoras.

Tem assistido a diversos comícios de republicanos ultimamente e tem verificado que todos se apresentam como esquerdistas.

Por mais avançados que esses republicanos se apresentem, o proletariado não pode nem deve confiar nas suas afirmações. São afirmações banais e de captação.

Os sindicatos têm o dever de organizar todo o proletariado porque amanhã quando os próprios factos se apresentarem e não haja a organização trabalhadora, esses factos podem produzir acção negativa.

O sindicato tem como missão dar instrução e inteligência por meio de demonstrações devidamente feitas até tornar o trabalhador apto para tudo quanto se possa produzir nas transformações dos povos. Enquanto o trabalhador não tiver a consciência do que é e vale não está apto para a transformação social e daí a morosidade dessa transformação.

Referindo-se a militantes operários, disse:

Que o militante de hoje não pode ser como o militante de ontem que só se defendia uma teoria.

## A BATALHA

**Um assalto à bolsa do consumidor**

COVILHÃ, 20. — Mais um grande roubo que vitimou a população da Covilhã e que esta, muito pacata e ordeira, consentiu que fosse levado à prática.

Trata-se de mais um aumentinho no pão, que nos é fornecido mediante o produto do suor do nosso rosto. Mais cinco tostões ou dez, em cada bolinho, espécie de patacos, a que dão o nome de pão.

E' demais! Arre ladrões! E' um perfeito punhal da Azambra!

Aqui, como os leitores devem saber, o pão não está monopolizado... Por quem quem quer fabrica pão, isto é, quem pode... Agora, quem não pode, tem que estar sujeito à mercê da ganância desmedida dos andares ambiciosos, esses têm que pô-lo todo... Esvasiam-lhe as algebeiras, mas deixam-na ainda ir com vida para sua casa...

Há pão de todas as qualidades, de todos os tamanhos, de todos os pesos e preços...

Um quilo de pão, em média, pode custar, nem mais nem menos do que a insignificância de 5 escudos... Ora não é muito para quem ganha pouco... não acham?

Quem diz o pão, diz os diversos géneros alimentícios de primeira necessidade que constantemente sobem, sem que os consumidores dêem por isso. Dir-se há que os comerciantes possuem cada um a sua varinha mágica... para ludibriarem o pobre Zé Pagante...

Não terá da fruta não há quem lhe chegue é descomunal... Só para os ricos é pouca... dizem os desgraçados que aos domingos andam na praça a vender água...

O que admiramos é o pacifismo dos

trabalhadores, que calam, consentem em tudo, e curvam-se perante o explorador patrão, quando este lhes impõe que devem produzir mais...

**O dia do bombeiro**

A Corporação dos Bombeiros Voluntários desta cidade solenizou também este dia com um programa deveras interessante.

O povo da Covilhã soube honrar a benemérita corporação com a sua presença na sede do quartel e acompanhando a manifestação que percorreu várias ruas da cidade.

**Juventude sindicalista**

Este organismo, reconhecendo a necessidade de os trabalhadores se educarem e instruírem, fundou na sua sede, na Casa do Povo, uma biblioteca interessante, que conta já algumas dezenas de obras. A comissão administrativa resolveu apelar para todos os amantes da instrução no sentido de que auxiliassem a biblioteca na medida do possível oferecendo livros, folhetos, ou quaisquer donativos para se adquirir.

A mesma biblioteca encontra-se aberta todas as noites da semana, podendo ser frequentada por todos os trabalhadores sem distinção de idades nem de sexos.

Hoje, quarta-feira, realizou-se na Casa do Povo uma importante reunião de militantes da organização operária e comissões administrativas dos sindicatos, a convite da comissão administrativa do Núcleo, onde serão tratados assuntos de uma extraordinária importância para a organização operária local e apreciando-se também o movimento juvenil local e o próximo II Congresso. Amanhã informaremos desta magna reunião.

**GUIMARÃES**

**O incidente entre os sindicatos da construção civil de Fafe e Guimarães ficou solucionado**

GUIMARÃES, 20. — Por motivo de umas divergências havidas com o Sindicato da Construção Civil desta localidade e o de Fafe, reuniu na sede sindical, no dia 18 do corrente, pelas 17 horas, o operariado da Construção Civil, das duas localidades.

Assistiu à reunião Ribeiro Dias, delegado da Secção Federal do Norte, que veio propositadamente para ver se atenuava as divergências existentes entre os dois organismos sindicais.

A sessão, que foi bem concorrida, correu na melhor das disposições, apesar de João Silva não concordar, em parte, com as considerações de Ribeiro Dias, e bem assim com a plataforma apresentada pela comissão de Fafe e Guimarães.

Depois de varios camaradas fazerem uso da palavra, João Silva enviou para a mesa a seguinte proposta:

«Proporho que os camaradas de Fafe tenham liberdade de se sindicarem sem muito bem entenderem, ficando assim livre de contribuir para qualquer movimento de reivindicação operária, o Sindicato de Fafe.»

## NA PROVINCIA E NOS ARREDORES

**CALENDÁRIO DE AGOSTO**

Q. 6/13/20/27  
S. 7/14/21/28  
S. 1 8/15/22/29  
S. 2 9/16/23/30  
D. 3/10/17/24/31  
S. 4/11/18/25  
T. 5/12/19/26

**HOJE O SOL**  
Aparece às 5,56  
Desaparece às 19,22

**FASES DA LUA**  
Q. C. dia 8 às 3,48  
L. C. dia 14 às 20,18  
S. C. dia 22 às 4,18  
T. C. dia 30 às 22,43

**MARÉS DE HOJE**  
Praiamar às 7,52 e às 8,20  
Baixamar às 0,58 e às 1,22

**ESPECTACULOS**

S. LUIS — A's 21,15 — Maria Antonieta.  
NACIONAL — A's 21 — Amor de Perdição.  
APOLO — A's 21 — O Combóio nº 6.  
EDEN TEATRO — A's 21,45 — Vida Alçada.  
MARIA VITORIA — A's 20,45 e às 22,45 — Rez-Vez.

**CIRCO DE VARIEDADES** (Feira do Parque Eduardo VII) — A's 21,45 e 25 — Companhia Cardini.  
GIL VICENTE — A's 21 — Dois Sargentes.

**OLIMPIA** — A's 20,30 — Animatografo.  
SALAO FOZ — A's 14,30 e 20,30 — Varias Jueas.  
CHIADO TERRASSE — A's 14,30 e 20,30 — Animatografo.

**CONDÉS** (Avenida) — Animatografo.  
CENTRAL (Avenida) — Animatografo.  
CINE PARIS (Rua Ferreira Borges) — Animatografo.  
LICAL (Loretto) — Animatografo.

**CINE ESPERANÇA** — Animatografo.  
ROSSIO (Arco Saneador) — Animatografo.  
CHATELIER (Praça dos Restauradores) — Fitas faladas.

**AVENIDA PARQUE** — (Antigo Parque Mayer) — Recreios e diversões. Concertos de Jazz-Bands.  
PILOMOTORA (Largo do Calvario) — Animatografo.  
EDEN-CINEMA (Rua do Alentejo) — Animatografo.

**CAMBIOS**

Países Moedas Ao por Comp. Venda

Alemanha Marcos 425 — —  
Espanha Ptas 167,8 1.682 1.628  
E. U. A. Dolares 117,8 49.468 49.000  
Francia Francos 165,4 33.630 33.000  
Inglaterra Libras 117,8 18.877 18.500  
Italia Liras 165 17.000 16.000  
Suíça Francos 117,8 14.627 14.000

**MOVIMENTO MARITIMO**

Vapores e destinos. Dias

«Lourdes» Marques, para os portos da África Oriental... 23  
«Hildebrand», Boulogne, Bremen... 23  
«Luz», directo a Landa... 24

«Almonazar», portos do Brasil e Argentina... 27  
«Avon», portos do Brasil e Argentina... 28  
«Demerara», Leixões, Vigo, Cherbourg, Southampton e Amsterdam... 28

«Samora», portos do Brasil e Argentina... 30  
EM SETEMBRO  
«Orania», Southampton, Rotterdam e Hamburgo... 1  
«Alfanz», Leixões, Vigo, Cherbourg, Southampton e Amsterdam... 3

**LIMAS**

As melhores são as da União. Tem Feltre, Vieira do Lito, e Pedra em todas as formas de decoração. Realizam em preços e em...

**MARCAS REGISTRADAS**  
para com as melhores qualidades. Podidos nos 11 Representantes e Depósitos em Lisboa: Sra. Ferreira & C., Lda., — Calçada do Marquês de Abrantes, 134 — Telefone C. 1230.

**Pedras para isqueiros**

Legítimo metal Auer única propriedade e acreditada universalmente por ser a que faz melhor faísca e que tem maior duração.  
Dúzia 60 centavos  
Cuidado com as imitações! Venda nos caixas e nos miudeiros, assim como isqueiros, relógios, tabos, pratos e talhaças, as melhores peças para a cozinha.  
Podidos a...

## Agenda de A BATALHA

**CALENDÁRIO DE AGOSTO**

Q. 6/13/20/27  
S. 7/14/21/28  
S. 1 8/15/22/29



aquela mulher, vendo que trazíamos as costas sacolas de viagem, nos perguntou com ansiedade:

— Vem de Nantes?  
— Sim, senhora.  
— Sabe alguma coisa da batalha?  
— Nada sabemos, senhora...

De repente, um escravo, que provavelmente estava de vigia no alto dos rochedos, correu, para nós, gritando ao mesmo tempo:

— Cavaleiros!... Vê-se ao longe, numa nuvem de poeira, um tropel de cavaleiros armados, que correm para este lado à rédea solta...

— Maldição! gritou Innachario empalidecendo; é Chram... Perdeu-se a batalha...

A estas palavras, a pobre mulher caiu de joelhos estreitando ao peito as duas crianças, e não ouvi mais do que os soluços e gemidos da mãe e das duas filhas.

— Depressa, depressa, embarquemos, gritou Innachario! Escravos, descarreguem as mulas, transportem para o barco as caixas que elas carregam, e a senhora prepare-se para partir...

Neste momento ouviu-se ao longe o galope dos cavalos, o choque das armaduras e gritos confusos e entrecortados.

— E' meu marido! exclamou a mulher de Chram, empalidecendo; mas seu pai persegue-o de perto... Não houve aqueles gritos de morte?

Innachario pôz-se a escutar... E' a voz do rei Clotário! exclamou Innachario. Fuja, senhora, leve suas filhas... Corramos para o barco... e rememos com força... Daqui a pouco já será tarde...

— Fugir sem meu marido... nunca! respondeu ela estreitando ao peito convulsivamente as duas filhas... Os gritos de: Mata! mata! ouviam-se cada vez mais distintos; aqueles que os proferiam não deviam achar-se em distância de trezentos passos.

— Desgraçada louca, pela última vez lhe repito, quer acompanhar-me? disse Innachario agarrando-lhe no braço! venha!...

— Não, disse ela; não...

— Sabe que é Clothario... e quer esperar por ele! exclamou Innachario atterado; e dito isto desapareceu.

Eu, e os meus dois companheiros, importando-nos pouco com Clothario e a sua tropa, só tivemos o tempo necessário de correremos para os rochedos sobranceiros à praia e enconder-nos entre aquelas massas de granito. Do sítio onde eu estava escondido avistava a cabana e o mar. No fim de alguns momentos, vi o barco carregado com as caixas que tinham trazido as mulas e que continham provavelmente os tesouros de Chram, fazer força de remos para chegar ao pequeno navio que se fazia de vela.

— E a desgraçada mulher... e suas filhas?

— Innachario abandonava-as... Sentado na popa, segurava o leme: os escravos, amontoados no barco, acompanhavam a fuga do valido de Chram.

— O céu seria injusto se tais homens tivessem amigos dedicados... O miserável entregava sem dúvida Chram a uma morte merecida; mas aquela mulher e as duas crianças?

— Eu já lhe disse que do esconderijo onde eu estava via o mar, a cabana, e os seus contornos. A pesar da distância em que me achava do lugar da scena horrível que vou contar, podia ouvir distintamente a voz dos francos, que cada vez mais se aproximavam. Quasi no mesmo instante em que Innachario se afastava da praia, vi a esposa de Chram dar alguns passos levando consigo ambas as filhas; depois não tendo forças para avançar nem mais um passo, caiu de joelhos, assim como as duas crianças, levantando as mãos com gesto suplicante e atterado... Então Chram, de cabeça descoberta, livido, com a armadura róta, e que sem dúvida acabava de apagar-se do cavalo, apareceu nos arredores da cabana, recuando com a espada desembainhada e tentando aparar os golpes que sobre ele descarregavam três guerreiros... Subitamente ouvi a voz sonora do rei Clothario e pude distinguir estas palavras:

— SENHOR, contempla-me do alto do céu! e pro-

tege a minha causa, porque sou indignamente ultrajado por meu filho!... Vê, e julga-nos com equidade, acrescentou o fervoroso católico matador de crianças; e seja o teu julgamento o mesmo que proferistes contra Absalão e seu pai David.

Clothario acabava de proferir estas palavras, quando apareceu aos meus olhos perto da cabana; dirigindo-se então aos seus homens, que continuavam a descarregar golpes sobre Chram, bradou:

— Não o matem! Quero vê-lo vivo.

Os guerreiros abaixaram as espadas. Chram, com o rosto a escorrer sangue, deu dois ou três passos cambaleando, depois, caiu nos braços de sua mulher, que, correndo para ele, o abraçou convulsivamente; as duas filhinhas, sempre de joelhos, erguiam os braços para Clothario, que acabava de apagar-se do seu cavalo branco de espuma, empunhando a espada; os seus guerreiros formaram um círculo em redor de Chram e da sua família. Clothario embainhou então a espada, cruzou os braços no peito e durante alguns instantes contemplou em silêncio seu filho. Chram, depois de ter de mãos postas implorado seu pai, curvou até ao chão a fronte ensangüentada; sua mulher e suas filhas soltavam soluços e suspiros suplicantes; Clothario, sempre imóvel como um espectro, olhava para eles; disse, finalmente, em voz baixa algumas palavras aos homens da sua comitiva; imediatamente Chram, sua mulher e suas filhas foram amarrados a pesar da sua desesperada resistência e depois arrastados para a cabana; os seus gritos agudos chegavam-me aos ouvidos; ao cabo de alguns instantes, os guerreiros de Clothario saíram da cabana, da qual fecharam a porta dizendo:

— Ficaram amarrados em cima de um banco. Depois um outro soldado aproximou-se da cabana levando na mão um tijolo acido.

— Mas que suplicio preparava aquele horrendo monstro ao filho, a nora e a suas netas?

— A cabana era construída de vigas unidas umas às outras e coberta de colmo; vi os homens da comi-

tiva do rei trazerem feixes de juncos marinhos e de ramos secos, e amontoaram tudo isto em torno da cabana até à altura do telhado...

— Eu adivinho... Ah! Ronan... será isso possível!... Que horror!...

— Quando aquelas matérias inflamáveis se achem amontoadas em torno da cabana, Clothario fez um sinal...; um dos seus guerreiros chegou-lhes o facho acido, avistou o lume assoprando, a chama brilhava, e os juncos e o mato incendiaram-se... e em breve desapareceu a cabana no meio de um turbilhão de chamas... Os gritos dos desgraçados, que iam morrer de morte tão atroz, foram horríveis; desviei os olhos por um movimento de invencível horror, e quando então casualmente as minhas vistas para o alto mar, vi ao longe desaparecer no horizonte o ligeiro navio de vela que levava Innachario e os tesouros de Chram.

— Neste ano 560, em que estamos, Clothario ainda tem quatro filhos chamados Chariberto, Gontran, Sigeberto e Chilperico...; este último parece, segundo dizem, ter herdado a ferocidade de seu pai Clothario e de seu avô Clovis!

— Quatro filhos!... esse Clothario deixa quatro filhos!... Ah! Ronan! desgraçada Gália!...

No dia imediato àquele em que Ronan, filho de meu irmão, teve comigo esta prática, separou-se de nós; as suas últimas palavras foram estas:

— Kervan, eu saio desta casa, satisfeito por ter cumprido o último desejo de meu pai e o voto de nosso avô Joel!

Ronan o Vagiro, partiu pois ao alvorecer, regressando ao vale de Charolles. Ronan prometeu-me, no caso de lhe suceder algum caso importante, de me participar se se lhe deparasse um viajante que viesse à Bretanha; esse escrito será dirigido a mim ou a ti, meu filho mais velho, Yvon, se nessa época eu já tiver abandonado este mundo.

Possa Ronan, o filho de meu irmão, chegar são e

## Valério, Lopes & Ferreira, L.<sup>da</sup>

### FERRAGENS E FERRAMENTAS



Metas, cutelarias, talhe-  
res, louça esmaltada, pa-  
rafusos, fundos para cal-  
deiras, guarnições para  
móveis

Chapa ferro preta  
e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimônio,  
balanças, pesos e medidas, cravo para fer-  
rador, serras circulares e de fita, etc.

TELE: fone. 3930, N.  
gramas, FERRAGENS

84, Rua do Amparo, 86 -- LISBOA

## Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros

Grande sortimento em chapéus, lisos  
e mechas em cores lindíssimas,  
formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

Chapéu mole,

novo modelo americano,

muito elegante,

só na Cooperativ

A SOCIAL



ESPECIALIDADE

EM CHAPEUS

DE SEDA

E

FLAMÃO

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.<sup>o</sup>

ESTABELECIMENTOS

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.<sup>o</sup> Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 14-A

2.<sup>o</sup> Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.<sup>o</sup> Sucursal: — Rua do Arco Mareu de Aizgre, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

## CALÇADO

### A Sapataria do Calhariz

a 25\$00 grande lote de sapatos em verniz, abotinados, salto Luis XV.

a 7\$500 botas em calf, preto, forma da moda, 2 gáspes e 2 so-

las corridas, cujo valor é de 10\$000.

a 30\$00 sapatos de verniz abotinados e c. IX, para senhora, cujo

valor é de 60\$00.

a 55\$00 sapatos de calf cor da moda, cujo valor é de 80\$00.

a 59\$50 grande lote de botas, sola.

Desde 6\$00 sapatos para criança

FOOT-BALL

Esta casa, vende botas e botas, muito mais

baratas quequalquer outra casa.

33, LARGO DO CALHARIZ, 33



Manuel José Alvaro Brás  
e António de Sousa

Antigos empregados da Comp.  
SINGER

Continuam a receber as ordens de todos os seus clientes e amigos no seu estabelecimento com um grande sortimento de máquinas de costura e relógios de sala dos melhores autores, peças de roupa, óleos, algodões e sedas para bordar. Concertam-se e afinam-se máquinas de costura. Bordadora habilitada a dar lições de bordados às nossas Ex.<sup>mas</sup> Clientes. Desde já agradecem a todos os seus amigos e clientes uma visita a esta casa. Tomam-se encomendas para a provincia.

246, R. do Benfornoso, 246-A

Pedras para isqueiros

BRANCAS de 5 mju, is-

queiros, rodas, molas, etc.

Nova remessa.

Vitorino, Lda.

Rua da Prata, 98, 2.<sup>o</sup>

FÁBRICA

de ladrilhos, mosaicos, azu-

leijos, cimento

GOARMON & C.<sup>a</sup>

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 A 19

TELEF. C. 1244 -- LISBOA

Casa Especial

DE meias e

peúgas com

baguetes, ajour, bordadas, cor-

ridas e beleza. Imenso sortido e

variedades. Preços resumidos.

Qualidades reforçadas.

Vendas ao Público

R. Sapateiros, 70, 2.<sup>o</sup>

Alfaiataria

VITORIA

Santos & Pereira

Rua do Bemfornoso, 118

Variado sortido de fazendas

nacionais e estrangeiras dos

melhores fabricantes —

Confeccões para homens

senhoras e crianças

FATOS A FEITO

DESDE 180\$00

OS ECONOMICOS DEVEM

VISITAR ESTA CASA

Companhia Nacional de Navegação

Vapor "ANGOLA"

Sairá no dia 1 de Setembro, para Ma-

deira, S. Tomé, Loinda, Lobito, Mossa-

meles, Cabo (Cabo Town), Lourenço

Marques, Beira e Moçambique; e para

Inhamitanga, Chinde, Quelimane, Pe-

banc, Angoché, Porto Amélia e Ibo,

com trasbordo.

Para carga, passageiros e quaisquer es-

clarecimentos, dirigir-se aos escritórios:

Em Lisboa: Rua do Comércio, 85 —

No Porto: Rua da Nova Aliança, 34.

## Para conseguir cabeleiras assim



Usae o  
Óleo de Mão de Uaca

Evita a queda dos cabelos promovendo  
o seu desenvolvimento, tornando-os bri-  
lhantes e flexíveis e evitando a caspa.  
50 anos de vinda asseguram os seus  
bons efeitos —  
Frasco 2.200. Para a provincia 3.200

## Pertumaria Mendonça

43, CALÇADA DO COMBRO, 47  
LISBOA

## F. H. D'OLIVEIRA & C.<sup>a</sup> L.<sup>da</sup>

Casa fundada em 1895

Sede Social: Rua 24 de Julho, 148

Endereço telegráfico: MATERIAIS

Telefones C. 128 e C. 13 -- LISBOA

Secção de Materiais de Construção, Madeiras para Construções,

Marcenarias, Tanoarias, etc.

Artigos sanitários: Bacias, Bidés, Autoclismos, Banheiras, Es-

quentadores, etc.

Artigos cerâmicos: Azulejos, Ladrilhos, Mosaicos, Tubos de

barro e grés, Vasos, Pirâmides, etc.

Drogas, Tintas, Água-rás, Resina, Produtos Químicos, En-

xofres, Sulfato de cobre, Carboretos, etc.

Matérias primas para indústrias.

Papéis para embrulho, sacos, fio, papelão, etc.

Secção de Liçgitef para pavimentos e isolamento de tubos.

ADUELAS ITALIANAS E AMERICANAS

Rua 4 de Julho, 148 -- Telefones 13 e 128 C.

Secção de Metais: Ferro em vigas, Barramentos, Cantoneiras,

Tés, Arames, Chapas, Arcos, Ferro para fundição, Chumbo em barra

e chapa, Zinco em barra e chapa, Estanho Cordeiro Bandeira, Anti-

mónio, Alumínio, Carvão, etc.

Rua Vasco da Gama, 34 -- Telefone 2950

Secção de Ferragens e Ferramentas, Fechaduras, Machas-

-fêmeas, Pregos, Parafusos, Molas, Martelos, Formões, Plainas, Serras

Brocas, Verrugas, Louças de ferro esmaltado, Canivetes Facas, etc.,

Rua do Comércio, 9 a 13 -- Telefone 178 C.

Secção de Drogas e Produtos Químicos: Perfumarias, Al-

vaide, Clorofo de cal, Potassa, Carboreto, Grudes, Esponjas, Tintas,

Secantes, Vernizes, Especialidades farmacêuticas, Químico, Eter, Iodo,

Bismuto, Iodetos, etc. Sabonetes, Essências, Essências para bebidas, etc.

Rua do Comércio, 1 a 5 -- Telefone 178 C.

Agência no Porto

243, RUA DO ALMADA, 245

## Fatos completos

Actualmente liquidação de sal-

dos das estações

anteriores para homem

FATOS desde 179\$00

SOBRETUDOS desde 179\$00

IMPERMEAVEIS desde 175\$00

CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00

CALÇAS desde 49\$00

Setins, metro desde 17\$00

Chaves do Conde Barão

170, RUA DA BOA VISTA, 172

Chaves do Conde Barão

170, RUA DA BOA VISTA, 172

Chaves do Conde Barão

170, RUA DA BOA VISTA, 172

Chaves do Conde Barão

170, RUA DA BOA VISTA, 172

Chaves do Conde Barão

170, RUA DA BOA VISTA, 172

Chaves do Conde Barão

170, RUA DA BOA VISTA, 172

Chaves do Conde Barão

170, RUA DA BOA VISTA, 172

Chaves do Conde Barão

170, RUA DA BOA VISTA, 172

Chaves do Conde Barão

170, RUA DA BOA VISTA, 172

## Espingardaria DIANA

João Ferreira Braga

Espingardas dos melhores fabrican-

tes e todos os acessórios

Representante da ma-

ravilhosa espingarda

A única que mata a 100 metros

Grande depósito de sementes

da antiga CASA VERSCHOORE

Estadísticas de Santa Justa, 96

Cede o Suplemento de "A Batalha,"

Sola e Cabe-

daís

ESTABELECIMENTO

DE

Cândido José Maria Trem

Devido à longa prática do género de

sola e cabeleiras, faz transacções nas me-